

Maternar com Deficiência: Produção Científica, Estigmas e Experiências de Cuidado¹

Juliana Cavilha – Estácio Florianópolis

Resumo

O presente trabalho apresenta resultados de uma etapa bibliográfica de pesquisa em andamento sobre maternidade e deficiência, desenvolvida no âmbito de um projeto de Iniciação Científica (PIBIC)², sob orientação e coordenação da autora. Esta etapa teve como objetivo central mapear a produção científica brasileira dedicada à análise da maternidade e da maternagem de mulheres com deficiência, buscando compreender os imperativos que atravessam essa relação, especialmente aqueles que enfatizam a suposta incapacidade dessas mulheres para o exercício do cuidado, seja por não corresponderem ao ideal normativo de cuidadora, seja por serem socialmente percebidas como sujeitos que demandariam cuidados, e não como agentes do cuidado.

Como objetivos específicos, o estudo propôs: (a) analisar como a deficiência é abordada na produção científica enquanto aspecto da diversidade humana; (b) identificar as áreas do conhecimento com maior concentração de pesquisas sobre a temática; e (c) mapear os principais órgãos de fomento responsáveis pelo financiamento dessas investigações. A metodologia adotada consistiu em revisão e análise bibliográfica de artigos científicos indexados em bases de dados acadêmicas, com destaque para a SciELO, a partir da seleção de palavras-chave relacionadas ao tema.

Os resultados indicam que a maior parte da produção científica sobre maternidade de mulheres com deficiência concentra-se na área da saúde, sendo majoritariamente desenvolvida em universidades públicas e financiada por agências públicas de fomento. Observa-se, ainda, a predominância do modelo biomédico da deficiência como referencial interpretativo hegemônico, não apenas no senso comum, mas também nas produções acadêmicas analisadas, o que tende a reforçar leituras normativas e limitadoras acerca da maternagem dessas mulheres.

O estudo apresentado dá continuidade a um projeto de Iniciação Científica (PIBIC), desenvolvido sob coordenação da autora, encontrando-se atualmente em fase de ampliação metodológica e analítica. Como desdobramento da etapa inicial da

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

² Este artigo decorre de projeto de Iniciação Científica (PIBIC), desenvolvido com a participação da aluna bolsista Maria Constância de Marco Wolff, sob orientação da autora, no âmbito de investigação voltada ao mapeamento da produção científica brasileira sobre maternidade e deficiência.

investigação, prevê-se a realização de entrevistas qualitativas com mulheres com deficiência que vivenciaram a maternidade, com o objetivo de incorporar suas narrativas, tensionar os modelos interpretativos predominantes na literatura especializada e aprofundar a compreensão das relações entre maternidade, deficiência e cuidado a partir das experiências vividas.

Palavras-chave: maternidade; deficiência; capacitismo.

Introdução

A maternidade, historicamente construída e idealizada, tem sido objeto de inúmeras pesquisas nas Ciências Sociais e Humanas, especialmente no que se refere às normas, expectativas e valores atribuídos ao cuidado materno, ao corpo feminino e à divisão sexual do trabalho. Estudos clássicos e contemporâneos apontam como a maternidade foi progressivamente naturalizada como destino feminino, associada a noções de instinto, vocação e responsabilidade moral das mulheres. Paralelamente, investigações sobre família, infância e cuidado evidenciam a centralidade da maternidade na organização social moderna.

Recentemente, esse debate passou a incorporar, ainda que de forma incipiente, a discussão sobre a maternidade de mulheres com deficiência, grupo historicamente invisibilizado tanto no campo dos estudos sobre maternidade quanto nos estudos sobre deficiência. Essas mulheres enfrentam estigmas específicos que as colocam, simultaneamente, sob suspeita quanto à sua capacidade de cuidar e sob a expectativa social de dependência e tutela.

Diante desse cenário, o presente artigo tem como objetivo investigar a produção científica brasileira sobre a maternidade na condição da deficiência, no período de 2010 a 2020. Trata-se de uma etapa inicial e exploratória de uma pesquisa mais ampla, dedicada ao mapeamento e à análise crítica da literatura acadêmica nacional, com vistas a identificar tendências, lacunas, enfoques teóricos e áreas de concentração do conhecimento. Ao final, este estudo pretende subsidiar uma etapa empírica subsequente, voltada à escuta direta de mulheres com deficiência que vivenciaram a maternidade.

Deficiência, modelos explicativos e interseccionalidade

A compreensão contemporânea da deficiência desloca-se progressivamente de uma abordagem estritamente biomédica para perspectivas que a reconhecem como fenômeno social, relacional e político. A Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência estabelece que a deficiência resulta da interação entre

impedimentos corporais e barreiras ambientais, sociais e atitudinais que limitam a participação plena das pessoas na sociedade.

Nesse sentido, o modelo biomédico, ao reduzir a deficiência à lesão ou à incapacidade individual, mostra-se insuficiente para compreender as experiências sociais das pessoas com deficiência. Em contraposição, o modelo social da deficiência enfatiza o papel das estruturas sociais excludentes e das normatividades corporais na produção da desigualdade.

A articulação entre deficiência, gênero e maternidade exige ainda uma abordagem interseccional, capaz de compreender como diferentes marcadores sociais da diferença se sobrepõem e produzem formas específicas de vulnerabilidade. Mulheres com deficiência vivenciam uma dupla marginalização, decorrente tanto das desigualdades de gênero quanto da estigmatização associada à deficiência, o que impacta diretamente suas experiências de cuidado, autonomia e reconhecimento social.

Metodologia

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, de caráter bibliográfico e exploratório, correspondente à primeira fase de uma investigação mais ampla. A revisão bibliográfica foi realizada entre setembro e novembro de 2021, a partir de buscas no Portal de Periódicos da CAPES, nas bases LILACS e SciELO.

Foram utilizados os seguintes descritores combinados: “maternidade and deficiência”, “maternidade and capacitismo”, “maternidade and estigma” e “mães and deficiência”. Como critérios de inclusão, selecionaram-se artigos publicados em português, entre 2010 e 2020, que abordassem diretamente a maternidade de mulheres com deficiência. Foram excluídos trabalhos que tratavam exclusivamente de mães de filhos com deficiência ou que se afastavam do escopo temático da pesquisa.

A partir da aplicação dos critérios, procedeu-se à leitura dos títulos, resumos e textos completos, bem como à organização dos dados em planilhas analíticas contendo informações sobre autoria, área do conhecimento, instituição de origem, ano de publicação, tipo de deficiência abordada e enfoque teórico.

Resultados e discussão

A busca inicial realizada nas bases de dados SciELO, CAPES e LILACS resultou em um total de 4.661 publicações. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão — leitura de títulos, resumos, remoção de duplicatas e exclusão de trabalhos

que abordavam exclusivamente mães de filhos com deficiência —, foram selecionados 25 artigos que compuseram o corpus analítico desta pesquisa.

No que se refere às áreas do conhecimento, observou-se que 76% das publicações são oriundas da área da saúde, evidenciando a forte centralidade do modelo biomédico da deficiência na produção científica brasileira sobre maternidade e deficiência. Deste total, 48% correspondem a estudos da Enfermagem, 8% da Medicina e 20% da Psicologia. Em contraste, apenas 24% dos artigos analisados situam-se nas Ciências Sociais e Humanas, distribuídos entre Antropologia (8%), Ciências Sociais (12%) e Pedagogia (4%). Essa assimetria indica a marginalização de abordagens sociais, interseccionais e críticas no tratamento do tema, reforçando a leitura da deficiência prioritariamente como questão clínica ou funcional.

A análise da distribuição temporal das publicações entre 2010 e 2020 revela acentuada irregularidade, sem tendência linear de crescimento. Não foram identificadas publicações nos anos de 2010, 2015, 2017 e 2019, enquanto os anos de 2018 e 2020 concentraram o maior número de artigos (cinco publicações cada). Tal oscilação sugere que a maternidade de mulheres com deficiência ainda não se consolidou como uma agenda contínua de pesquisa no cenário acadêmico brasileiro, permanecendo como temática episódica e periférica.

Em relação aos tipos de deficiência abordados, constatou-se predominância de estudos sobre deficiência visual (28%), seguidos por deficiência não especificada (24%), deficiência física (12%) e mulheres cadeirantes (12%). Deficiência intelectual e transtornos mentais corresponderam, cada uma, a 8% das publicações, enquanto deficiência auditiva e Síndrome de Down apareceram em apenas 4% dos artigos analisados. Essa distribuição evidencia lacunas importantes na produção científica, sobretudo no que diz respeito à diversidade das experiências de maternidade vivenciadas por mulheres com diferentes tipos de deficiência.

De modo geral, os dados indicam que, além de quantitativamente reduzida, a produção científica brasileira sobre maternidade e deficiência encontra-se concentrada em determinadas áreas do conhecimento e tipos de deficiência, o que limita a compreensão ampla e plural desse fenômeno social complexo.

Considerações finais

À luz das reflexões apresentadas, torna-se evidente que a maternidade de mulheres com deficiência constitui um campo de investigação ainda pouco explorado no contexto acadêmico brasileiro, marcado por invisibilizações, estigmas e abordagens

predominantemente biomédicas. A análise da produção científica revelou a necessidade de ampliar os enfoques teóricos e metodológicos, incorporando perspectivas das Ciências Sociais e Humanas e adotando o modelo social da deficiência como eixo analítico central.

Ressalta-se que o presente artigo corresponde à etapa inicial de uma pesquisa em desenvolvimento, dedicada ao mapeamento e à análise crítica da literatura científica nacional sobre maternidade e deficiência. Como desdobramento desta investigação, a pesquisa será ampliada por meio da realização de entrevistas com mulheres com deficiência que vivenciaram a maternidade, permitindo incorporar dados empíricos qualitativos e aprofundar a compreensão das experiências, narrativas e sentidos atribuídos à maternagem.

Conclui-se que a ampliação de estudos nessa área é fundamental para o enfrentamento dos estigmas sociais, a qualificação das políticas públicas e a promoção do direito à maternidade em condições de autonomia, dignidade e inclusão social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Phillipe. *História social da criança e da família*. (2a ed.) Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BADINTER, Elisabeth. *Um amor construído: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BRASIL. *Decreto Legislativo n. 186, de 09 de julho de 2008*. Aprova o texto da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e de seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova Iorque, em 30 de março de 2007. Diário Oficial da União, Brasília-DF, 10 jul. 2008, seção 1, edição 131, p. 1. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/congresso/dlg/dlg-186-2008.htm#:~:text=DLG-186-2008&text=Aprova%20o%20texto%20da%20Convenção,Art. Acesso em: 28 jun. 2022.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Tradução: Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

DINIZ, Debora. *Modelo social da deficiência: a crítica feminista*. Série Anis, Brasília, v. 28, p. 1-10, 2003. Disponível em: [http://www.anis.org.br/serie/artigos/sa28\(diniz\)deficienciafeminismo.pdf](http://www.anis.org.br/serie/artigos/sa28(diniz)deficienciafeminismo.pdf). Acesso em: 11 fev. 2022.

DINIZ, Debora. *O que é deficiência*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994, v. 1.

GAUDENZI, Paula; ORTEGA, Francisco. Problematizando o conceito de deficiência a partir das noções de autonomia e normalidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 21, n. 10, p. 3061-3070, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320152110.16642016>. Acessado em: 14 mar. 2024.

GOFFMAN, Erving. *Estigma e identidade social*. In: Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

GROSSI, Miriam Pillar. *Identidade de gênero e sexualidade, Antropologia em Primeira Mão*. Florianópolis: UFSC, PPGAS, 1997.

MEAD, Margaret. *Sexo e Temperamento*. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.

MELLO, Anahi Guedes; NUERNBERG, Adriano Henrique. Gênero e deficiência: interseções e perspectivas. *Revista Estudos Feministas*. 2012, v. 20, n. 3. Acessado em 11 fev 2022. pp. 635-655. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000300003>. Epub 12 Dez 2012. ISSN 1806-9584. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000300003>.

MELLO, Anahi Guedes; NUREMBERG, Adriano Henrique. Gênero e deficiência: interseções e perspectivas. *Revista Estudos Feministas*. 2012, v. 20, n. 3. Acessado em 11 fev. 2022, pp. 635-655. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000300003>. Epub 12 Dez 2012. ISSN 1806-9584. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000300003>.

MOURA, Solange Maria Sobottka Rolim de; ARAUJO, Maria de Fátima. A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 24, n. 1, p. 44-55, mar. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000100006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 mai 2021. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932004000100006>.

OKIN, Susan Moller. Gênero, o público e o privado. *Revista Estudos Feministas* [online], v. 16, n. 2, p. 305-332, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000200002>. Acesso em: 25 jul. 2022.

PISCITELLI, Adriana. Recriando a (categoria) mulher? In: ALGRANTI, Leila (Org.). *A prática feminista e o conceito de gênero*. Campinas: IFCH-Unicamp, 2002. (Textos Didáticos, n. 48).

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. [1978].

STRATHERN, Marilyn. Necessidade de pais, necessidade de mães. *Revista Estudos Feministas*, v. 3, n. 2, p. 303, 1995. <https://doi.org/10.1590/%x>

VENCATO, Anna Paula. Diferenças na escola. In: MISKOLCI, Richard; JUNIOR, João L. (Org.). *Diferenças na educação: outros aprendizados*. São Carlos: Edufscar, 2014.

Motherhood and Disability: Analysis of Brazilian Scientific Production Between 2010 and 2020

